



Inspiração Miscelânea

Jornal feito em parceria com o Diretório Acadêmico de Arquivologia
Gestão 2010-2011 – Ed. nº6 – Abril de 2011

EXPEDIENTE

Coordenação

Bruno F. Leite
Flora Sineiro

Divulgação e diagramação

Alessandra Perez
Flora Sineiro

Revisão

Profa. Rosale de M. Souza

Entrevistas

Edgar de C. Santana
Fernanda Blanco
Gabrielle do Rosário W. Correia

Chargista

João Anderson

EDITORIAL

Nesta edição, trazemos uma entrevista com um dos maiores nomes da Arquivologia nacional. Estamos falando de José Pedro Pinto Esposel que, com muita gentileza, nos recebeu para uma entrevista super interessante. Confira nesta edição! Não perca esta entrevista na íntegra, no nosso site <http://inspiracaomiscelanea.tk/>.

E ainda, confira o texto de Maria Clara Nunes, do primeiro período, trazendo suas impressões sobre o trote recebido pela turma de calouros do primeiro semestre de 2011. Leia também, o texto de *Chica Blanco*, 6º período, expondo algumas de suas inquietações pessoais, angústias e decisões que, segundo a autora, levaram-na a estar hoje no curso de Arquivologia. Leia uma notícia sobre o incêndio na UFRJ, na nossa seção “Rapidinhas”. Trazemos também, na mesma seção, a notícia sobre a eleição para Reitor da UNIRIO. Por fim, inauguramos uma coluna chamada

Espaço DACAR, na qual os representantes do Diretório Acadêmico José Pedro Pinto Esposel veicularão algumas informações.

...

LINHA EDITORIAL

1) Nosso jornal é um espaço que não tem vinculação com política partidária, de livre circulação de idéias e opiniões, porém estas deverão, no mínimo, tangenciar a Arquivologia e/ou suas questões;

2) Toda e qualquer opinião será respeitada e devidamente publicada. Ressalvamos, contudo, que acusações ou críticas diretas devem ser fundamentadas com fatos, dados ou opiniões de outros autores. Por exemplo, textos, notícias de jornais e/ou demais registros. Não objetivamos com isso realizar censura a determinados textos/autores, buscamos apenas dar um norte aos textos e que os mesmos tenham fundamentos claros;

3) Nosso público-alvo – assim como nossos colaboradores –, serão os discentes, docentes e os formados do nosso curso;

4) Temos como objetivo manter uma linguagem leve, informativa, reflexiva, crítica.

Entrevista com o Prof. José Pedro Pinto Esposel

**Entrevistadores:
Rosale de Mattos
Gabrielle do Rosário
Bruno Leite**

I. M. – Na sua opinião, quais as dificuldades até hoje para a criação de um Conselho Federal de Arquivologia?

José Pedro Esposel – Tem que haver a insistência. Tem que se mobilizar os políticos, escritores, cronistas e a mídia, que têm certa voz, uma certa influência para mostrar a falta que faz uma entidade destas e continuar lutando.

Tive problemas de saúde que me impediram de fazer qualquer coisa - eu tive que abandonar tudo. Logo em seguida, me aposentei. Quando me restabeleci, pelo fato de ter ficado aquele tempo afastado, talvez ainda fragilizado pela doença, mais sensível talvez, senti que incomodava um pouco, e na minha doença eu justificava o meu afastamento. Daí pra cá, desde a década de 90, eu estou sempre por fora, às vezes me avisam de alguma coisa e outras eu nem sei. Como não sou informado de muita coisa, minhas notícias são muito fragmentadas, não posso reagir com sugestões, com ações coerentes com a realidade atual, já que não faço mais parte dessa realidade. Eu não tive mais disposição para os embates, mas a luta deve continuar...

I. M. – O Sr. acha que a gente tem que ter um Lobby?

José Pedro Esposel – Eu acho que sim. Temos um curso em Brasília muito atuante. Nós temos colegas destacados em Brasília. Além das Profas. Nilza Teixeira Soares e a Profa. Astréa que podem prestar o seu apoio em quaisquer reivindicações. Um Lobby faz muita falta.

I. M. – Precisamos de políticos que abracem a causa arquivística?

José Pedro Esposel – Exatamente. Um político que abrace a nossa causa com honestidade. Nas propostas de criação do Conselho sempre tinham nas Disposições Gerais a aprovação de cursos de pequena duração, cursos de especialização que formassem arquivistas.

I. M. – O Sr. acha que o Brasil está preparado como um país da América Latina para potencializar as informações através das tecnologias da informação sem que a documentação ainda não esteja devidamente identificada, organizada, sem tratamento técnico, os instrumentos de pesquisa ainda não estão totalmente elaborados, no qual ainda tem muita Massa Documental Acumulada – MDAs? Será que com esta situação que ainda está pendente é possível potencializar as informações existentes nos documentos através das tecnologias

da informação? O Sr. não acha que a documentação acumulada tem que ser tratada para depois se fazer uso das tecnologias da informação?

José Pedro Esposel – Eu sou do tempo da implantação da microfilmagem. Naquele tempo se vendia a microfilmagem. As empresas que utilizavam a microfilmagem pensavam que tinham status. Os empresários instalavam a microfilmagem baseados nos vendedores. Arquivos desmazelados propiciam microfilmes desmazelados. A microfilmagem tem que ser depois da organização, não é tudo que tem que ser microfilmado. Tem que se levar em conta o conteúdo dos documentos para sua interpretação, pois cada documento é válido de acordo com o relacionamento que ele tem com os demais documentos, dentro de um contexto. Para o arquivo tem que ver as suas relações orgânicas, enquanto que na Biblioteca o livro se esgota no assunto. Com a Ciência da Informação e a informática é a mesma coisa, sem que a documentação esteja organizada não tem condições, tem que haver um mínimo de organização, tem que haver o domínio sobre a documentação.

I. M. – Como o Sr. vê o Ensino da Arquivologia no cenário acadêmico atual? Como o Sr. vê o reconhecimento acadêmico do profissional Arquivista e da Arquivologia?

José Pedro Esposel – Tive uma grata surpresa através do ENEM que o curso de Arquivologia da UFF teve notas muito boas. Isto mostra que os cursos de Arquivologia vêm se desenvolvendo. Um vai aproveitando a experiência do outro. Os congressos vêm trazendo muitas novidades e sugestões. O conteúdo da matéria é o que adianta, o seu conteúdo programático. Eu me lembro de um caso de um Historiador, bacharel e Dr. em História que disse: “Agora quero ser arquivista. Senti agora que eu tenho grande vocação para ser arquivista. O que é que eu faço?” Havia uma mesa presidida pelo agora presidente do Sindicato de Arquivistas que falou para ele que iria pensar no assunto. Participando da mesa estava também o presidente da Associação de Arquivistas da Bahia. Ninguém deu uma resposta mais incisiva. Me deu vontade de tomar a palavra e dizer que ele fizesse o reingresso em Arquivologia, que levasse o curriculum do curso de História, com seu conteúdo programático e apresentasse um ofício para assim, verificar as disciplinas as quais ele estaria isento de fazer. -

“Leve o currículo e peça o reingresso. Em pouco tempo você vai fazer o curso de oito semestres. Vai fazer as disciplinas técnicas e cumprir os semestres de acordo com o conteúdo programático.” Ele não pensava em fazer o reingresso para dar uma rasteira naqueles que haviam feito o curso em quatro anos. O que não se pode admitir é dar a rasteira em quem fez quatro anos de Arquivologia. Dr. em História ? E daí ? Vai ser Historiador! Vai fazer pesquisa! Sentiu vontade de ser arquivista, volta para a Faculdade para ser Arquivista. É isto aí!

I. M. - O Arquivista na vida, na minha vivência eu acho que o Arquivista é um auditor, ao organizar os arquivos ele faz uma auditoria. Ele vai trazer à tona a falta de transparência dos arquivos. O que o Sr. acha disto?

José Pedro Esposel – Estou de acordo. É isto mesmo que tem que fazer. Os arquivos são instrumentos de comprovações. Porque no Senado fazem CPI? Grampos para ligações telefônicas geram os documentos que podem confirmar ou não questões de corrupção.

I. M.— O Sr. deseja falar mais alguma coisa para complementar as suas opiniões?

José Pedro Esposel - Continuo com a esperança muito grande, admirando muito a função dos arquivos. Os arquivos fazem parte da justiça, da defesa e da história do país. Eu me lembro da professora Lena Castelo Branco, de Goiás, membro do CFE, que contou o caso de documentos oriundos de Goiânia que estavam num baú, e o carro numa viagem que os transportava, entrou num atoleiro. O motorista sugeriu que se pegasse os papéis velhos (que contavam parte da história de Goiás) e os colocasse debaixo dos pneus.

Mesmo que eu já tenha deixado transparecer, gostaria de reafirmar, com ênfase, meu grande amor à Arquivologia. Foi um sentimento que descobri cedo e me acompanhou por toda a vida. Esta foi, provavelmente, uma das minhas últimas entrevistas. Por isso, quero aproveitar a oportunidade para agradecer, a uma excepcional quantidade de pessoas, o prazer que me deram e o exemplo que me orientaram em muitas ocasiões. Não ousou citar nomes porque certamente incorreria em omissão, o que é imperdoável. Deixo, então, um fraternal abraço.

I. M. - Para nós é uma honra termos feito esta entrevista com o Sr. pela sua grande experiência como Arquivista, professor e pesquisador de Arquivologia. Muito obrigado.

LA VERDAD DE CHICA BLANCO

**Por Chica Blanco*

No meu 3º ano cursando Arquivologia, percebi que realmente eu não tenho vocação para ser arquivista. Pois é, muitos vão pensar “nossa, essa aí demora pra perceber as coisas”, mas querem saber de verdade? Não me arrependo. Eu sempre soube o que eu queria, sempre. E para as pessoas mais maduras, isso é meio assustador, porque é difícil ter certeza de algo, até mesmo quando se está chegando aos 50. Então os pais, os professores, todos duvidam do que você realmente quer e dizem que não, que você deve estar iludido com algum interesse passageiro ou algo assim, então você acredita (ou finge) na voz da experiência, pois isso é o devemos (teoricamente) fazer e aí você acaba pagando por um erro alheio, sendo totalmente inocente.

Mas, não vou culpar ninguém. Existem pessoas idosas que trabalharam a vida inteira e só agora se dedicam ao que querem, descobriram uma vocação. E eu acho que já nasci sabendo a minha, porque mesmo antes de aprender a escrever, eu inventava histórias o dia inteiro brincando em silêncio e sozinha com as minhas bonecas Barbie. A escola não me fez virar escritora ou poeta, isso eu aprendi sem a ajuda de ninguém. Meus pais nunca me incentivaram a ler, escrever ou fazer qualquer coisa do tipo, sempre exigiam apenas que eu tirasse boas notas na escola, então eu estudava e fazia a vontade deles. Até que a adolescência chegou e minhas notas começaram a não ser tão perfeitas, aí eles acharam que era culpa da rebeldia. Mas não era.

Eu continuava lendo e escrevendo feito doida, mas comecei a perder a paciência por ser obrigada a aprender coisas que me seriam inúteis, apenas porque para passar num vestibular (ainda que para Letras) eu teria que ser boa em química ou física. Mesmo assim eu estudei, mas, proibida de tentar estudar o que eu desejava, me rebelei mais uma vez e acabei escolhendo o primeiro curso que ouvisse falar. Ouvei um professor de biologia falar sobre oceanografia e arquivologia. Amo o mar e tudo o que o envolve, mas achei que me sentiria

menos abandonada se ficasse perto de papéis (pois é).

E agora eu estou aqui, aluna do 6º período, já pesquisando monografia, sendo entrevistadora/columnista de um jornal de arquivologia, sendo diretora de eventos culturais do Diretório Acadêmico do curso de arquivologia, fazendo estágio de arquivologia e pretendendo me formar no primeiro semestre do ano que vem e me tornar uma arquivista. Mas, pra que? Minha mãe diz que toda graduação é uma segurança e eu concordo com ela. Uma segurança e uma experiência muito válida, pois nenhum conhecimento pode ser menosprezado. Se voltasse no tempo, talvez fizesse a mesma coisa, mas não porque acho que de alguma forma a minha vida está melhor depois deste curso, mas sim porque era preciso provar aos que duvidavam da minha certeza que eu realmente já nasci sabendo o que queria da vida.

E ainda que eu me tornasse matemática, bióloga, médica, historiadora, comerciante, ou até mesmo dona de casa, ainda assim eu não deixaria de ser poeta ou escritora. Porque não se trata do que eu faço ou deixo de fazer, trata-se do que eu sou.

**Chica Blanco*

6º período de Arquivologia – UNIRIO

TROTE

**Por Maria Clara Nunes*

Trote é apenas uma palavra pra identificar todo aquele ritual. É como dar nome aos bois ou aos cavalos, no caso. Por trás da nomeação vem um monte de questionamentos e idéias do tipo – “ah vão me zoar”, “quero beber”, “vou fugir”... etc. Mas garanto que esta última alternativa não é das melhores, porque a intenção de todas as brincadeiras é a socialização. E por princípio, vamos conviver 3 ou 4 anos juntinhos, olhando um para cara do outro pelo menos uns 3 dias por semana, é bom que todos se conheçam e não percam tempo se refugiando em pensamentos anti-sociais que repelem momentos divertidos, que de tão importantes marcam pela vida inteira.

Ouvi dizer algumas coisas que fizeram com que minha mente exagerada e viajante, pensasse que o curso de arquivologia não dava trote, que ninguém se conhecia, que todos eram sem graça e atarefados com seus estágios ricos. Bom, a

primeira afirmação era verdadeira até eu e meus colegas chegarem na UNIRIO. Repeti e repito que várias vezes que adorei ser surpreendida pelo meu engano! Às vezes é bom não criar nenhuma expectativa ou ser pessimista, porque felicidade de surpresa é mais legal ainda.

Logo depois da primeira aula, fomos apresentados aos veteranos, aos semi-veteranos e aos nossos próprios colegas, da forma mais divertida e liberal possível, afinal, era primeira vez que pelo menos a caloura que vos fala, viu a idéia de alunos de um curso que não tem a ver com artes ou comunicação (preconceito meu, claro), usar uma pulseirinha rosa para sinalizar diversidade sexual. E o mais legal ainda, ver muitas pessoas a usando sem nenhum receio de mostrar quem são. Em meio a muitas brincadeiras, perguntas safadinhas e risadas, conseguiram quebrar aquele clima sisudo e tímido de quem está no primeiro dia de algo que fará parte de sua vida.

Houve um dia desta primeira semana, que posso afirmar com toda certeza, de que ninguém esquecerá. Em aula normal, eis que surge um professor-estagiário com alguma função enrolada para nos passar conhecimento, mas em vez disso espalhou medo e terror entre nós, calourinhos indefesos. Cheio de argumentos arrogantes (como os daquele personagem Sheldon, de uma série nerd amada por alguns de nós) que afastam qualquer tipo de simpatia, ele disse que eu tinha um Q.I de uma criança de dez anos de idade, além de afirmar que era Deus dentro daquela sala de aula. Até que uma aluna veterana chegou atrasada na aula e ele a mandou embora do círculo de autoridade dele. Começou a confusão, ela não quis sair, e ele esbravejando palavras de ordem, a pegou pelo braço e eu pensei – gente, chama a policia! Olhei para cara dos alunos: todos pasmos e desesperados. Era estranho demais para ser de verdade, e não era mesmo, não passava de um grande circo, e como um circo, no final, todos riram, mas de nervosismo, alívio e descrédito por acreditar naquilo. Mas como sempre, depois da tempestade vem a bonança ou outra tempestade. Mais um pouquinho de gozações - descemos o prédio de CCH, de mãozinhas dadas por debaixo das pernas, o famoso “elefantinho”, para o quiz de arquivo: quem errasse bebia Natasha, uma das vodkas mais horríveis de todos os tempos. Menores não tiveram esta oportunidade maravilhosa, claro. Fiquei mais uma vez surpresa com a vontade de todos, calouros e veteranos, de realmente se divertir. Muitos erraram provocando mais divertimento involuntário

ainda, pra bom entendedor, meia palavra basta não é?

A última etapa de trotes foi a mais tradicional de todas – pintar as novinhas e os novinhos do curso. Devo dizer que foram até caridosos com a maioria de nós, dando oportunidade para alguns criarem personagens atletas, como um calouro que conseguiu subir árvores, cheio de força nas pernas, de forma cinematográfica e surpreendente.

Disseram-me que arquivologia era um curso morto, e eu achei que era verdade, porque de tão morto, o Microsoft Word sugere que a palavra não existe. Talvez tenha sido mesmo, mas percebi que este pode ser e deverá ser o fim do marasmo. Iniciativas como esta, por mim, não devem nunca morrer, o importante é ter a atitude certa e positiva de querer integrar cada vez mais os alunos. Na terceira semana de aula, já ter histórias pra contar, não é pra qualquer um não. Digo não é pra qualquer pessoa de qualquer curso de universidade pública não, e digo isso em nome de vários alunos também. Como esta primeira semana de trote deu certo, outros eventos também podem dar, mas é claro que o empenho e as vibrações positivas são essenciais. E o único compromisso que deve haver é o de “fun fun fun”. Já dizia Rebeca Black, cantora recente, que sem pretensão alguma, meio que por acidente, conseguiu divertir meio mundo com sua música. Este é o espírito que devemos ter para aproveitar todos os bons momentos (drink)* de uma faculdade.

Obrigada a todos que inspiraram este texto, meus recém amigos, calouros, veteranos, novos e antigos. Espero que daqui a algum tempo, no futuro, ou agora, nesse exato momento mesmo, nós possamos olhar para as fotos, comentários, no Facebook e Orkut, com muita saudade, alegria e risadas de todos os “mimimis” (reclamações pertinentes ou não). Afinal, falem mal ou falem bem, eu estou adorando toda esta integração, e torço para que continue durante todos os períodos que estão por vir.

*ver no youtube: luisa marilac – casa roqueta

**Por Maria Clara Nunes
1º período de Arquivologia – UNIRIO*

RAPIDINHAS

JUTUCA É ELEITO NOVO REITOR DA UNIRIO

O Processo de Consulta à Comunidade para a sucessão da Reitoria da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) teve como vencedor o Prof. Dr. Luiz Pedro San Gil Jutuca, atual Reitor pro tempore da Universidade. O segundo colocado foi o Prof. Dr. Rossano Fiorelli, e o terceiro colocado Prof. Dr. Antônio Brisolla Diuana. Dos 14.118 eleitores aptos a votar entre os três segmentos (docentes, técnicos-administrativos e discentes), 5.860 pessoas compareceram às urnas, distribuídas por todas as unidades da UNIRIO e em 25 pólos de educação a distância.

Na próxima quinta-feira, dia 14 de abril, o Colégio Eleitoral deverá se reunir para a homologação do resultado final do Processo de Consulta à Comunidade. A etapa seguinte, prevista para o dia 18 de abril, é o envio da lista tríplice com o nome dos candidatos ao Ministério da Educação, para que seja feita a nomeação do novo Reitor da UNIRIO.

Fonte: Site da UNIRIO: <http://www.unirio.br/Conteudo/Noticias/Detalhes.aspx?id=MAdbu13JAKY>

INCÊNDIO NA UFRJ

No dia 28-03-2011, aproximadamente 13:30h, ocorreu um incêndio na cúpula da Capelinha da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ), situada no campos da Praia Vermelha e especula-se que foi causado por uma obra de restauração no prédio.

A capelinha era vizinha ao prédio da faculdade de educação, sendo que este abrigava o almoxarifado e o arquivo da mesma.

Testemunhas afirmam que durante o incêndio os extintores não funcionaram, um descuido imperdoável para uma região de preservação de acervo arquivístico.

O acervo da faculdade de educação foi danificado não pelo fogo, mas sim pela água utilizada para

combater o incêndio (um fato muito comum em casos como esses).

A história da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro se confunde com a história das universidades do país por ter sido a primeira delas, então nos, arquivistas, podemos prever que a perda dessa documentação histórica da universidade trará danos irremediáveis à memória da sociedade.

XV ENEArq 2011

Desta vez, o Encontro Nacional de Estudantes de Arquivologia acontecerá na Paraíba, entre os dias 18 e 23 de julho de 2011, e será realizado na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

As inscrições vão de R\$ 50,00 a R\$ 100,00. Isso para quem não é estudante da UEPB. Fiquem ligados, pois o envio de resumo é válido até o dia 16/4/2011.

Para mais informações, acesse o Blog do evento: <http://xvenearq.blogspot.com/>

Fonte: <http://xvenearq.blogspot.com/>
MONOGRAFIAS, SAIAM DAS GAVETAS!

Sem enrolar: estamos convidando a TODOS! que estão concluindo ou concluíram o curso recentemente a nos enviar um artigo, de no máximo duas laudas, sobre o assunto tratado em suas monografias.

Portanto, contribuam com o nosso jornal e exponham suas monografias aos leitores da área de Arquivologia. Vamos lá, participe!

ESPAÇO DACAR

Temos muito a dizer. Foram apenas quatro semanas de aula e muitas coisas aconteceram. Trote e eleições para a Reitoria já são assunto o suficiente para duas colunas aqui. Mas tem mais coisa para ser dita.

Esperamos que o trote tenha sido bom para quem participou. O objetivo do trote era integrar os alunos de Arquivologia e, pela nossa avaliação, cumpriu bem isto. Não houve violência, participou quem quis. Esperamos que isto nos sirva de incentivo para que continuemos a receber os calouros e nos esforcemos para que todos gostem.

Já o assunto eleições para reitoria exige mais tempo. Mais do que isso, exige muito mais reflexão. O candidato Jutuca ganhou a eleição. Esperamos que os próximos quatro na Universidade sejam de crescimento para todos nós e para ela mesma. Resta-nos cobrar também que todas as próximas feitas no período eleitoral sejam cumpridas. O DACAR também não se isentará de cobrar as demandas dos alunos de Arquivologia.

Adiantamos também a necessidade de fazermos uma Assembléia Geral. A data ainda será definida, mas precisamos que todos compareçam para que decidamos coletivamente as ações do Diretório, a mudança no Estatuto, as Eleições na Unirio, as festas, etc.

Lembramos também que em maio (18 a 20 de Maio) será realizado o **I Congresso Brasileiro de Paleografia e Diplomática (CBPD)** e é importante para participarmos dele. Talvez tenhamos outras novidades sobre a ida ao Congresso, todavia, diremos quando as respostas estiverem certas.

As inscrições para o **XV ENEARQ** estão rolando. O ônibus já foi solicitado e a representante do ENEA UNIRIO pede que as inscrições sejam pagas e a cópia do comprovante de pagamento seja entregue à ela (**Larisse Almeida – 5º Período**) para a elaboração da lista de ocupantes do ônibus. Fiquem atentos também aos preços e períodos. A organização do evento também aguarda o envio de trabalhos. E rumo a João Pessoa.

Pessoal, também é importante que todos participem das reuniões do DACAR. Aliás, a sala do DACAR está à disposição de quem quiser. Para usar basta procurar um membro do Diretório e pegar a chave e depois devolver. Lembramos que todos têm o direito de usar a sala.

A prestação de contas dos meses de dezembro a março está no mural. Qualquer dúvida é só procurar Marcelo Kosawa, diretor de Administração.

Por enquanto é só galera, mas outras notícias virão e contamos com vocês nessa caminhada até o sucesso do curso. Se cada um fizer a sua parte, vamos longe. Acessem nossos meios de comunicação, mandem-nos e-mails, falem nos corredores. Precisamos ouvir a voz de todos.

*Diretório Acadêmico de Arquivologia
José Pedro Esposel
Gestão Movimentação – 2011*



INTERAÇÃO COM O LEITOR


Mande sua mensagem, critica ou
sugestão para o e-mail:

inspiracaom@gmail.com

Obs.: Este espaço é destinado a textos
curtos. Caso queira nos enviar um artigo,
crônica, poesia, etc. leia antes a nossa
linha editorial no site:

<http://inspiracaomiscelanea.tk/>

Aguardamos a sua participação!



Homenagem ao prof°
José Pedro Pinto Esposel

